

14

12

**E O OSCAR DE MELHOR FILME ESTRANGEIRO FOI PARA...**

Em 1960, o drama italo-franco-brasileiro "Orfeu do carnaval" venceu o Oscar de melhor filme estrangeiro, mas representando a França, não o Brasil.



\*Entre 1947 e 1955, Japão, Itália e França receberam três Oscars Honorários cada, sendo que "Três dias de amor" (1949) foi considerado uma coprodução entre França e Itália. Em 1953, não houve prêmio para filme estrangeiro. A categoria só tornou-se competitiva a partir de 1956.

Fonte: Academia de Artes e Ciências Cinematográficas

Os filmes brasileiros que foram indicados são: "O pagador de promessas" (1963), "O quatrilho" (1996), "O que é isso, companheiro?" (1998) e "Central do Brasil" (1999).

VITÓRIAS	PAÍSES	INDICAÇÕES
4	Itália	31
4	França	40
4	Espanha	19
4	Japão	15
3	Suécia	15
3	Dinamarca	12
3	União Soviética	9
3	Holanda	7
2	Alemanha	10
2	Hungria	9
2	Argentina	7
2	Checoslováquia	6
2	Suíça	5
2	Áustria	4
2	Irã	3
1	Polônia	10
1	Alemanha Ocidental	8
1	Canadá	6
1	Rússia	6
1	Argélia	5
1	República Checa	3
1	Taiwan	3
1	África do Sul	2
1	Bósnia e Herzegovina	1
1	Costa do Marfim	1
0	Brasil	4

# Visão diversificada MAPA-MÚNDI DOS PRÊMIOS

Relação com os EUA, questões políticas e muito marketing: os fatores que renovaram a categoria de melhor filme estrangeiro

## OSCAR 90!

FABIANO RISTOW  
fabiano.ristow@oglobo.com.br

Representada pelo chileno "Uma mulher fantástica", a América Latina tem um oponente do outro lado do mundo: o russo "Sem amor". À sua esquerda no mapa-múndi, dois países europeus — a Hungria com "Corpo e alma" e a Suécia com "The Square: a arte da discórdia" — também estão no páreo. Completa o grupo "O insulto", do Líbano, país que, após 14 tentativas, finalmente conquistou a sua primeira indicação.

Os cinco concorrentes a melhor filme estrangeiro neste Oscar oferecem uma visão diversificada do mundo, mas nem sempre foi assim. Criada pela Academia em 1956, a categoria já foi completamente monopolizada pela Europa (veja acima). Mesmo com o desenvolvimento das indústrias cinematográficas ao redor do planeta, ainda é difícil imaginar quem pode bater a liderança de Itália e França, que já levaram 14 e 12 estatuetas, respectivamente, na história da premiação — incluindo três prêmios honorários cada um, entre 1947 e 1955, quando a categoria não era competitiva. Cineastas consagrados, como os italianos Federico Fellini e Vittorio De Sica e o francês François Truffaut, ajudaram a impulsionar a projeção daqueles países. Mas a explicação vai além da sorte de ter nomes talentosos.

— Existe, historicamente, uma troca cultural e econômica entre Europa e EUA que resvala na indústria cultural — destaca Pedro Maciel Guimarães, professor de Teoria do Cinema da **Unicamp**.

— No próprio cinema, após a Segunda Guerra, exilados passaram a trabalhar nos EUA. E como se fossem dois blocos falando de igual para igual, o que facilita o consumo mútuo de filmes. Além disso, Itália e França, assim como outros países ao redor, têm histórico de investimento no audiovisual desde cedo.

Mas o fomento da indústria audiovisual e da cultura cinematográfica é apenas uma das razões que explicam a presença maciça de certos países no Oscar e a ausência de outros.

O Japão, por exemplo, que até hoje desponta como a nação asiática mais bem-sucedida na categoria, ostentando quatro vitórias (incluindo três Oscars honorários) e 15 indicações, tem uma cultura imagética em suas estruturas.

— O aspecto visual está enraizado, como se vê na própria escrita. E o audiovisual herdou isso — afirma João Lanari Bo, autor do livro "Cinema japonês" (Editora Giotri), apontando ainda a influência política na hora de premiar. — O mundo estava em frangalhos no pós-guerra, sendo que o Japão foi um dos principais agentes violentos. "Rashomon" (1950), de Akira Kurosawa, selou uma concórdia para o país ser reintegrado no chamado "mundo civilizado". Mais tarde, Kurosawa venceria o Oscar de filme estrangeiro por "Dersu Uzala" (1975), uma coprodução entre Japão e União Soviética, em plena Guerra Fria.

**VITÓRIAS DE CUNHO POLÍTICO**

Muitos analistas viram o Oscar para o iraniano "O apartamento", no ano passado, como uma reação da Academia à política anti-imigração de Trump, que levou o diretor Asghar Farhadi a se recusar a ir à cerimônia (ele já havia vencido por "A separação", de 2011). A questão pode até mesmo ter ajudado a América Latina, que só começou a marcar presença na disputa em 1961, graças ao mexicano "Macario", de Roberto Gavaldón. Dois anos depois, a sorte chegou ao Brasil, com uma indicação — "O pagador de promessas", de Anselmo Duarte — a primeira de quatro indicações em nossa História (nunca ganhamos). Mas, dos hermanos, quem reina absoluto é a Argentina, indicada a sete e vencedora de dois Oscars.

— Em 1986, a Argentina venceu com "A história oficial", que falava sobre uma ditadura militar apoiada pelos EUA. Será que não houve um recado ali? — reflete Natalia Christofoletti Barrenha, pesquisadora do cinema argentino. — O segundo e último filme latino-americano a vencer também é argentino, "O segredo dos seus olhos" (2009), outra produção com um pano de fundo político.

Para além dessa teoria, o cinema argentino é um dos mais prestigiados do continente, em termos narrativos e estéticos.

— Temos a Retomada, e eles, o Novo Cinema Argentino, movimentos similares dos anos 1990 que envolvem o retorno da produção cinematográfica por meio de li-



**Hegemonia.** "Noites de Cabiria", de Federico Fellini, foi o vencedor em 1958: Itália é o recordista de troféus de melhor filme estrangeiro



**América Latina.** O chileno "Uma mulher fantástica", com atriz trans, disputa este ano



**Estratégia.** Fernando Meirelles (em pé, à direita) com os indicados a direção em 2004

nhas de fermentos. O que fez a Argentina se destacar mais, especialmente em premiações internacionais, foi a rápida iniciativa de captar dinheiro e financiamento fora do país em tempo de crise econômica e política — acrescenta ela.

**CAMPANHA DO FILME É FUNDAMENTAL**

Há ainda outro fator importante que pode garantir uma indicação: o marketing. O filme precisa chamar a atenção da Academia, por meio de sessões especiais, anúncios e espaço na mídia americana — o que exige uma verba não disponível para muitos. Um exemplo emblemático dessa estratégia vem do próprio Brasil, quando "Cidade de Deus" (2002) representou o país no Oscar, mas não disputou a categoria de filme estrangeiro em 2003. De olho na oportunidade perdida, a produtora e distribuidora Miramax promoveu e lançou o filme nos cinemas americanos e o qualificou a concorrer na edição seguinte. Não deu outra: o longa de Fernando Meirelles e Kátia Lund ganhou fama e recebeu quatro indicações, incluindo direção e roteiro adaptado.

— Filmes com mais relevância e conexão com temas atuais têm mais chance de chamar a atenção do grupo que vota. Mas sem dúvida uma campanha de comunicação é um trabalho que precisa ser feito com precisão, principalmente por se tratar do mercado americano — explica o produtor Fabiano Gullane, que já tentou emplacar indicações cinco vezes, incluindo com "Bingo, o rei das manhãs" (2017), esnobado neste ano. — É muito relevante ter um parceiro forte nos EUA como distribuidor, que trabalhe próximo ao produtor, diretor e equipe. Senão fica mais difícil: o orçamento passa a fazer muito mais diferença. E torna-se necessário contratar um estrategista, que será o chefe da campanha pro Oscar, depois assessores de imprensa nas duas costas dos EUA e ter orçamento para pagar anúncios, sessões e eventos. ●

FOTOS DE DIVULGAÇÃO